

## **Homofobia no futebol brasileiro: o que dizem as denúncias do Canarinhos LGBTQ+?**

*Homophobia in brazilian football: what do the Canarinhos LGBTQ+ complaints say?*

### **Cleyton Batista**

Universidade Federal da Bahia, Brasil  
Salvador, BA  
prof.cleytonbatista@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-9272-8730>

### **Bruno Otávio de Lacerda Abrahão**

Universidade Federal da Bahia, Brasil  
Salvador, BA  
bruno.abrahao@ufba.br  
<https://orcid.org/0000-0002-8274-2539>

*Recebido em: 02 de junho de 2025*

*Aceito em: 12 de agosto de 2025*

### **Resumo:**

O artigo analisa a LGBTfobia no futebol brasileiro, destacando sua persistência como um problema estrutural ligado à performatividade de gênero e à matriz heterossexual dominante no esporte. Utilizando dados do Observatório Canarinhos LGBTQ+ (2020-2023), o estudo revela um aumento nas denúncias, principalmente envolvendo cânticos e xingamentos homofóbicos e transfóbicos nos estádios, perpetrados majoritariamente por torcedores contra outros torcedores. A pesquisa contextualiza essas práticas como mecanismos de reforço da masculinidade hegemônica e da heteronormatividade, funcionando como pedagogias culturais que regulam corpos e comportamentos. Apesar dos avanços discursivos, a LGBTfobia persiste, evidenciando a necessidade de políticas públicas eficazes e mudanças estruturais no futebol. O artigo destaca a importância de iniciativas como o Observatório, que visibilizam o problema e promovem resistência, contribuindo para um esporte mais inclusivo.

**Palavras-chave:** Futebol. LGBTfobia. Sexualidade. Diversidade. Discriminação.

### **Abstract:**

The article examines LGBTphobia in Brazilian football, highlighting its persistence as a structural problem linked to gender performativity and the dominant heterosexual matrix in sports. Using data from the Canarinhos LGBTQ+ Observatory (2020-2023), the study reveals an increase in reports, primarily involving homophobic and transphobic chants and slurs in stadiums, mostly perpetrated by fans against other fans. The research frames these practices as mechanisms reinforcing hegemonic masculinity and heteronormativity, functioning as cultural pedagogies that regulate bodies and behaviors. Despite discursive progress, LGBTphobia persists, underscoring the need for effective public policies and structural changes in football. The article emphasizes the importance of initiatives like the Observatory, which bring visibility to the issue and promote resistance, contributing to a more inclusive sport.

**Keywords:** Football. LGBTphobia. Sexuality. Diversity. Discrimination.

## Introdução

O futebol transcende a mera definição de prática esportiva no Brasil. Para DaMatta *et al* (1982), a modalidade assume uma posição refratária dos valores sociais, e com isso, despontando como um meio importante de compreensão da vida em sociedade. De acordo com o autor, “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade fala, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (Damatta *et al*, 1982, p. 21).

Consolidando-se como um fenômeno sociocultural de profunda capilaridade, o esporte está intrinsecamente ligado à construção e negociação de identidades nacionais, regionais e, notadamente, de gênero. Historicamente, os gramados, as arquibancadas e os discursos midiáticos que o cercam têm funcionado como espaços privilegiados para a performance e a reiteração de certos modelos de masculinidade, frequentemente associados à força física, à competitividade exacerbada, à homossexualidade compulsória e à exclusão daquilo que escapa à norma (Bandeira, 2010; Seffner & Bandeira, 2013). Nesse contexto, o futebol opera não apenas como um campo de disputas esportivas, mas também como uma arena onde normas sociais são ensinadas, aprendidas e policiadas.

Apesar da crescente visibilidade de discursos que advogam pela inclusão e pelo respeito à diversidade no esporte contemporâneo, o cenário do futebol brasileiro permanece marcado pela persistência de práticas discriminatórias e violentas direcionadas à população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e mais). A LGBTfobia manifesta-se de formas diversas, desde cânticos ofensivos entoados em uníssono por torcidas organizadas, passando por insultos diretos a atletas e torcedores, até a invisibilização e a hostilidade que dificultam a livre expressão de identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes nesse ambiente. Essa tensão entre um ideal de inclusão e a realidade excludente evidencia como o futebol ainda funciona, em grande medida, sob a égide de uma "matriz heterossexual" (Butler, 2003), que naturaliza a homossexualidade e marginaliza outras formas de ser e desejar.

O conceito de matriz heterossexual é central para análise da autora. Butler descreve essa matriz como um sistema de inteligibilidade cultural que não apenas privilegia a homossexualidade, mas a torna compulsória e normativa. Essa matriz opera estabelecendo uma cadeia causal e coerente entre um sexo (supostamente) biológico,

uma identidade de gênero correspondente (masculino/feminino) e um desejo sexual direcionado ao "sexo oposto". Corpos, identidades e desejos que escapam a essa lógica linear são relegados à condição de "abjetos", ininteligíveis ou patológicos dentro dessa grade normativa. O futebol, como veremos, opera fortemente dentro dessa matriz, policiando as fronteiras do que é considerado um corpo e um desejo "aceitáveis" em seu domínio.

Outro conceito fundamental é o de performatividade de gênero. Butler (2003) sustenta que o gênero não é uma essência interna ou uma identidade fixa que alguém tem, mas algo que alguém faz, uma performance. Contudo, não se trata de uma escolha teatral livre, mas de uma "repetição estilizada de atos" (Butler, 2003, p. 200), gestos, discursos e posturas corporais que são socialmente sancionados e que, através de sua reiteração constante, produzem a ilusão de uma identidade de gênero estável e natural. "Não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída [...] pelas próprias 'expressões' tidas como seus resultados" (Butler, 2003, p. 48). Aplicado ao futebol, esse conceito permite analisar como a "masculinidade" (especialmente a hegemônica) é performada nos estádios, através de cânticos, posturas corporais, demonstrações de agressividade e, crucialmente, através da rejeição e do insulto àquilo que é codificado como feminino ou homossexual.

Embora as normas de gênero impostas pela matriz heterossexual sejam coercitivas, a teoria da performatividade também abre espaço para pensar a vulnerabilidade e a agência. Corpos que não se conformam à norma são expostos à violência e à exclusão, tornando-se vulneráveis. No entanto, a própria natureza repetitiva e citacional da performance permite falhas, subversões e ressignificações. Performances dissidentes, que embaralham as expectativas de coerência entre sexo, gênero e desejo, podem desestabilizar a norma, ainda que momentaneamente, revelando seu caráter construído e contestável. As iniciativas de torcedores LGBTQIA+ no futebol podem ser lidas, nesse sentido, como atos de agência que desafiam a matriz heterossexual dominante no esporte.

Gustavo Andrada Bandeira, em seus estudos sobre masculinidades no futebol, aprofunda a compreensão desse esporte como um espaço pedagógico específico. Em "Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol" (2010), Bandeira argumenta que os estádios funcionam como locais que ensinam, produzem e representam masculinidades. Ele rejeita a ideia de uma masculinidade única, destacando a existência

de múltiplas masculinidades que coexistem de forma hierarquizada. A masculinidade hegemônica, associada à força, virilidade, heterossexualidade e, frequentemente, à violência, ocupa o topo dessa hierarquia, enquanto outras formas são subordinadas ou marginalizadas. Bandeira analisa as performances dos torcedores – cânticos, rituais, demonstrações de pertencimento – como parte desse "currículo" que ensina a ser homem no contexto do futebol (Bandeira, 2020). O autor conecta essa construção da masculinidade hegemônica à violência e à homofobia, vistas como estratégias para policiar as fronteiras do grupo e afirmar a identidade masculina normativa através da depreciação do outro.

A articulação dessas perspectivas teóricas permite analisar a LGBTfobia no futebol brasileiro não como um conjunto de incidentes isolados ou como fruto exclusivo de indivíduos preconceituosos, mas como uma manifestação sintomática de uma estrutura cultural e discursiva mais ampla.

É nesse cenário complexo e contraditório que emergem iniciativas de resistência e monitoramento, como o Observatório de LGBTfobia no Futebol Brasileiro, criado pelo Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+. A instituição atua na promoção de ações de conscientização e mobilização social, buscando transformar o futebol em um espaço mais seguro e acolhedor para todos. Além disso, esta iniciativa pioneira dedica-se a registrar, sistematizar e denunciar os casos de discriminação ocorridos no âmbito do futebol nacional, publicando anuários que oferecem um panorama quantitativo e qualitativo do fenômeno.

A sistematização dos casos de LGBTfobia no futebol contida nestes relatórios, nos desperta questionamentos sobre a natureza dessa forma de violência: quem são os principais agressores e vítimas? Quais são os locais com maior incidência de denúncias? Como se materializam os ataques discriminatórios?

Diante da relevância social do futebol e da gravidade da LGBTfobia que o permeia, este artigo tem como objetivo central investigar o que dizem as denúncias de LGBTfobia no futebol brasileiro, dialogando com a literatura sobre sexualidade, esporte e inclusão.

## Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa foi realizada em duas etapas complementares. A primeira foi desenvolvida a partir de uma análise documental dos três Anuários do Observatório de LGBTfobia no Futebol Brasileiro do Coletivo de torcidas Canarinhos LGBTQ+, publicados a partir de 2020. A pesquisa documental investiga fontes primárias, aqueles materiais que ainda não receberam tratamento analítico ou que podem ser reelaborados. Ademais, esses documentos são uma fonte rica de dados e registros que se tornam uma ferramenta importante de análise (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015).

O Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+ foi criado em novembro de 2019, a partir das torcidas Marias de Minas, Palmeiras Livre e LGBTricolor – grupos de torcedores LGBTQIAP+ que tinham por objetivo “[...] congregar esses coletivos, combater a LGBTfobia com ações, campanhas, iniciativas e sugestões de inclusão e diversidade” (Coletivo de Torcidas Canarinho LGBTQ, 2023, p. 4). Até o momento da pesquisa foram publicados 3 anuários referentes ao período de 2020, 2021 e 2022 (Figura 1).

Figura 1. Capas dos Anuários da LGBTfobia no futebol



Fonte: Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+

A segunda etapa contou com uma revisão de literatura nos indexadores SPORTDiscus, SCIELO e LILACS, utilizando os termos: “Futebol AND homofobia”, “Futebol AND LGBTfobia” e “Futebol AND Discriminação”. Foram selecionados os textos publicados no arco temporal entre 2000 e 2024, disponíveis na íntegra e que apresentem como tema central o debate sobre esta forma de discriminação no esporte.

Cabe ressaltar que, ao priorizarmos investigar as atividades do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+, não buscamos estabelecer essa instituição como representante da totalidade dos movimentos de combate a LGBTfobia no futebol brasileiro. Todavia, podemos considerar que no âmbito esportivo é a organização que mais realiza atividades sistemáticas sobre o assunto.

## **Resultados e discussão**

### **A atuação do Canarinhos LGBTQ+ na luta antidiscriminação no futebol**

Esta cronologia detalha os fatos marcantes na trajetória da instituição Canarinhos LGBTQ+, desde sua fundação até suas ações mais recentes no combate à LGBTfobia no futebol brasileiro. As informações foram compiladas a partir da análise dos anuários de 2020-2021, 2022 e 2024 da organização, bem como de informações institucionais disponíveis no site oficial do coletivo, especificamente na seção "Sobre Nós" e no "Observatório da LGBTfobia no Futebol". O objetivo é apresentar uma linha do tempo organizada dos principais eventos, iniciativas, parcerias e marcos que caracterizam a atuação e o impacto da Canarinhos LGBTQ+ na luta por um esporte mais inclusivo e respeitoso.

Em novembro de 2019 o Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+ é fundado, inicialmente sob o nome de "Canarinhos Arco-Íris". O surgimento se deu com o intuito de congregiar coletivos de torcedores LGBTQIAP+ de diversos clubes, combater a LGBTfobia através de ações, campanhas, iniciativas e sugestões de inclusão e diversidade. As movimentações e diálogos iniciais envolveram torcidas como a LGBTricolor (Bahia), Marias de Minas (Cruzeiro) e Palmeiras Livre (Palmeiras).

Em 2020, o coletivo realiza sua primeira grande ação conjunta: o envio de um robusto conjunto de sugestões de ações e medidas de combate à LGBTfobia para diversas e importantes instituições brasileiras. A lista de destinatários incluiu a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), o Ministério da Justiça e Segurança Pública, a Procuradoria-Geral da República (PGR), o Ministério Público Federal (MPF), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Secretaria Especial do Esporte (então vinculada ao Ministério da Cidadania), o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, a Câmara dos Deputados, o

Senado Federal e diversos clubes de futebol. Esta ação marcou o posicionamento propositivo e a busca por diálogo institucional do coletivo desde seus primórdios.

Este ano, marcado pela pandemia de COVID-19 que impedia a presença de torcedores nos estádios, registrou um aumento dos ataques de ódio online. Nesse contexto, a instituição mobilizou-se intensamente. Uma das ações de maior destaque foi a pressão exercida sobre os clubes de futebol para que se pronunciassem publicamente no Dia Internacional de Combate à LGBTfobia (17 de maio). Essa iniciativa resultou no posicionamento de diversos clubes na data e gerou questionamentos importantes àqueles que se omitiram, evidenciando o papel do coletivo em cobrar responsabilidade das instituições esportivas.

Em agosto deste ano, a Canarinhos LGBTQ+ lança oficialmente o "Observatório da LGBTfobia no Futebol". O lançamento ocorreu durante um debate/encontro virtual nacional, que foi transmitido pela plataforma Mídia Ninja. Significativamente, o evento sofreu dezenas de ataques homofóbicos após a divulgação pública do link de acesso, o que obrigou o fechamento da sala virtual ao público externo. Apesar do ataque, a atividade pôde ser realizada, e o episódio reforçou a urgência e a necessidade da ferramenta de monitoramento que estava sendo lançada. O Observatório nasceu com o objetivo de monitorar casos de LGBTfobia no futebol, gerar dados e propor mecanismos e alternativas de combate.

Em 2021, o coletivo adota oficialmente o nome "Canarinhos LGBTQ+", abandonando a denominação inicial "Canarinhos Arco-Íris". A mudança ocorreu após a criação e o fortalecimento de diversas torcidas e movimentos formados por torcedores e torcedoras LGBTQIAP+ em todo o país, refletindo um amadurecimento e uma maior abrangência da identidade do coletivo.

A Canarinhos LGBTQ+ intensifica sua atuação na esfera jurídica desportiva, passando a enviar sistematicamente notícias de infração ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) relativas a ocorrências de homofobia no futebol, com especial atenção aos cânticos homofóbicos entoados por torcidas. Essa estratégia de litigância resultou em punições importantes, como a condenação do Clube de Regatas do Flamengo a uma multa de 50 mil reais, além de sanções a outros clubes, estabelecendo precedentes na responsabilização por atos LGBTfóbicos.

Ao longo de sua existência, a Canarinhos LGBTQ+ tem mantido uma atuação constante em diversas frentes: Monitoramento e Denúncia: acompanhamento contínuo

de casos de LGBTfobia, com denúncias formais a órgãos competentes; Produção de Conteúdo: Elaboração de notas, posicionamentos, cartilhas e materiais informativos; Articulação e Diálogo: busca por diálogo e construção de parcerias com clubes, federações, mídia, outras torcidas e movimentos sociais; Ações de Visibilidade e Inclusão: proposição e apoio a iniciativas que promovam a visibilidade e a inclusão de pessoas LGBTQIAP+ no futebol; Participação em Debates e Congressos: presença ativa em eventos, seminários e discussões sobre esporte, diversidade e direitos humanos, levando a perspectiva e as demandas da comunidade LGBTQIAP+.

Esta cronologia evidencia a trajetória de crescimento, consolidação e impacto da Canarinhos LGBTQ+ como uma das principais vozes no combate à LGBTfobia no futebol brasileiro. Desde sua fundação, o coletivo tem demonstrado capacidade de mobilização, incidência política e jurídica, produção de conhecimento e articulação com diversos atores sociais.

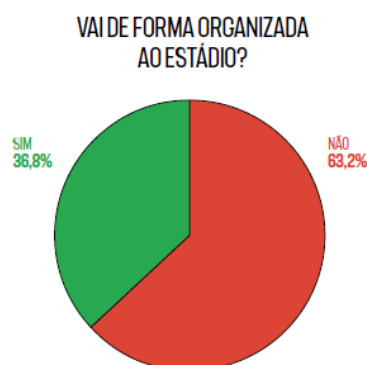
### **As denúncias do Observatório da LGBTfobia do futebol brasileiro**

Ao longo dos quatro anos analisados (2020-2023), o Observatório registrou um total de 214 casos de LGBTfobia relacionados ao futebol brasileiro. A distribuição anual desses casos demonstra uma tendência de crescimento expressivo no número de denúncias reportadas: em 2020 foram registrados 20 casos; no ano de 2021 esse número sobe para 42 casos; 2022 atinge 74 casos; e 2023 registra a marca de 78 casos.

Observa-se um aumento constante ano a ano, culminando em quase quatro vezes mais registros em 2023 do que no primeiro ano de monitoramento (2020). Conforme apontado no resumo da pesquisa original, essa escalada exponencial não necessariamente reflete um aumento absoluto da violência LGBTfóbica em si, mas pode ser interpretada, em grande medida, como um reflexo positivo das crescentes ações de mobilização, conscientização e visibilização promovidas por coletivos como o Canarinhos LGBTQ+ e outros atores sociais. Esse movimento contribui para a desnaturalização de práticas discriminatórias que, outrora, eram frequentemente normalizadas ou vistas como parte intrínseca e aceitável da cultura do futebol. A maior conscientização e a existência de canais de denúncia mais estruturados encorajam as vítimas e testemunhas a reportarem os casos, trazendo à tona uma realidade que antes permanecia majoritariamente invisibilizada.

Quanto ao perfil das ocorrências, os dados indicam que os torcedores emergem como os principais autores das manifestações de LGBTfobia registradas. Interessante observar que os próprios torcedores também são apontados como as principais vítimas desses atos. Essa informação sugere que a violência LGBTfóbica no futebol opera significativamente como um mecanismo de regulação interna dentro das comunidades de torcedores, policiando comportamentos e identidades dentro do próprio grupo. Consequentemente, os estádios de futebol são identificados como os locais com maior incidência de casos, consolidando-se como espaços onde essas performances de exclusão e afirmação de normas de gênero e sexualidade ocorrem de forma mais explícita e coletiva. Os resultados desse cenário, como o próprio relatório mostra, é que 63,2% das torcidas LGBTQ+ do Brasil não frequentam o estádio de forma organizada (Figura 2).

Figura 2. Levantamento sobre torcidas organizadas LGBTQ+ do Brasil



Fonte: dados de 2023 apresentados pelo Observatório da LGBTfobia no Futebol.

Para além dos números, ao analisar as denúncias descritas nos anuários, identificamos que as formas predominantes de como a LGBTfobia se manifesta no futebol brasileiro envolvem duas categorias: os cânticos das torcidas e xingamentos/insultos. Acerca dos cânticos, frequentemente de natureza homofóbica e/ou transfóbica, direcionadas a jogadores, árbitros, torcidas adversárias ou mesmo a membros da própria torcida que desviem da norma esperada. Essas performances funcionam como rituais de pertencimento e afirmação de uma identidade coletiva masculina e heteronormativa, ao mesmo tempo em que demarcam e depreciam o "outro". Já a categoria identificada como xingamentos e insultos se refere às ofensas verbais diretas, utilizando termos

pejorativos relacionados à homossexualidade ou à expressão de gênero dissidente, proferidas individualmente ou em grupo.

O expressivo número de casos registrados, especialmente os cânticos e xingamentos que visam ridicularizar, rebaixar, ameaçar e agredir podem ser interpretados através da lente da performatividade de gênero de Judith Butler (2003). Os estádios de futebol, nesse sentido, funcionam como palcos privilegiados onde masculinidades específicas – notadamente a hegemônica, associada à virilidade, agressividade e heterossexualidade – são performadas e reafirmadas coletivamente. Os insultos homofóbicos e transfóbicos não são apenas expressões de preconceito individual, mas atos performativos que constituem a própria identidade do "torcedor autêntico" dentro dessa lógica. Ao proferir o insulto, o torcedor reitera sua adesão à norma heterossexual e masculina dominante, ao mesmo tempo em que constrói o "outro" (o torcedor rival, o jogador que demonstra "fraqueza", o indivíduo LGBTQIA+) como abjeto, como aquele que não pertence àquele espaço ou que ameaça sua coesão normativa. A repetição desses atos, entoados em coro por milhares, solidifica a ilusão de uma masculinidade natural e inerente ao futebol, mascarando seu caráter construído e normativo.

Essa dinâmica performativa está intrinsecamente ligada às pedagogias culturais de gênero e sexualidade que operam no futebol, conforme discutido por autores como Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2008), Fernando Seffner (2013) e Bandeira (2020). O ambiente do futebol ensina, de forma explícita e implícita, como se deve ser e agir enquanto homem (e, por oposição, como não se deve ser). Os cânticos e xingamentos funcionam como parte de um currículo informal (Bandeira, 2010) que educa os corpos e os desejos, estabelecendo limites claros para a expressão da identidade. A LGBTfobia atua, assim, como um poderoso mecanismo de regulação, policiando comportamentos e garantindo a manutenção da ordem heteronormativa. A hostilidade direcionada a qualquer desvio dessa norma serve como uma lição pública, um aviso sobre as consequências de não se conformar ao padrão esperado. A predominância de torcedores como autores e vítimas sugere a intensidade dessa regulação intragrupo, onde a própria comunidade de torcedores se encarrega de policiar suas fronteiras identitárias.

A análise de Gustavo Andrada Bandeira (2020) sobre as masculinidades hierarquizadas no futebol complementa essa compreensão. A violência verbal e simbólica da LGBTfobia está diretamente relacionada à construção e manutenção da

masculinidade hegemônica. Para se afirmar como "verdadeiramente masculino" dentro da hierarquia do estádio, o torcedor muitas vezes recorre à depreciação daquilo que é codificado como feminino ou homossexual. A homofobia torna-se, então, uma ferramenta para demarcar status e pertencimento, uma forma de demonstrar lealdade aos valores viris associados ao grupo. A agressividade e a hostilidade contra o "outro" são performadas como provas de masculinidade, num ciclo que perpetua tanto a exclusão quanto a própria rigidez do modelo hegemônico.

Um ponto crucial revelado pelos dados e pela literatura é a lacuna persistente entre o discurso institucional e a prática cotidiana. Embora clubes, federações e a legislação avancem em discursos antidiscriminatórios e na implementação de protocolos (ainda que por vezes reativos), a realidade descrita pelo Observatório demonstra que a LGBTfobia continua a grassar nos estádios e outros espaços do futebol, com punições ainda incipientes. Isso evidencia a força das barreiras culturais e estruturais que sustentam a heteronormatividade nesse ambiente. A minimização da LGBTfobia como "folclore", a resistência em aplicar sanções mais duras e a própria dificuldade em reconhecer a gravidade dessas violências simbólicas contribuem para a perpetuação do problema. A matriz heterossexual (Butler, 2003) mostra-se profundamente arraigada, resistindo a mudanças superficiais ou meramente discursivas.

Contudo, o cenário não é apenas de reprodução de normas e violência. A própria existência e atuação do Coletivo Canarinhos LGBTQ+ e do Observatório, bem como de outras torcidas e movimentos LGBTQIA+ no futebol, representam importantes focos de resistência e agência. Essas iniciativas podem ser lidas como resistências que desafiam a hegemonia heteronormativa. Ao ocuparem o espaço do estádio, ao denunciarem a violência, ao criarem suas próprias narrativas e símbolos, esses grupos subvertem as expectativas e contestam o currículo dominante (Bandeira, 2010; Seffner, 2013). Eles demonstram que outras formas de torcer e de se relacionar com o futebol são possíveis, abrindo fissuras na aparente solidez da matriz heterossexual e performando a possibilidade de um futebol mais inclusivo. A crescente visibilidade das denúncias, refletida no aumento dos casos registrados pelo Observatório, pode ser vista não apenas como um indicador da violência, mas também como um sinal do fortalecimento dessas vozes dissidentes e de sua capacidade de pautar o debate público e acadêmico.

Em diálogo com a literatura nacional e internacional sobre o tema, os achados deste estudo corroboram a visão do futebol como um espaço complexo, onde coexistem

a reprodução de normas excludentes e a emergência de práticas de resistência. A análise das denúncias do Observatório Canarinhos LGBTQ+, à luz da teoria queer e dos estudos de gênero brasileiros, reforça a necessidade de abordagens críticas que compreendam a LGBTfobia não como um problema marginal, mas como um elemento estruturalmente ligado à forma como o gênero e a sexualidade são performados e regulados nesse campo sociocultural específico.

### **Considerações finais**

Este artigo buscou analisar as manifestações de LGBTfobia no futebol brasileiro a partir dos dados sistematizados pelo Observatório Canarinhos LGBTQ+ entre 2020 e 2023. A análise revelou que, apesar dos discursos contemporâneos de inclusão, o futebol nacional permanece como um espaço onde a discriminação contra a população LGBTQIA+ é uma realidade persistente, manifestando-se predominantemente através de cânticos e xingamentos nos estádios, perpetrados majoritariamente por torcedores contra seus pares.

Os achados quantitativos indicaram um aumento expressivo no número de denúncias ao longo do período, o que sugere uma maior visibilidade do problema e um fortalecimento dos mecanismos de denúncia, impulsionados por coletivos como o Canarinhos LGBTQ+. Qualitativamente, as manifestações de LGBTfobia foram compreendidas não como atos isolados, mas como performances de gênero que reforçam a masculinidade hegemônica e a matriz heterossexual dominante no esporte. Essas práticas funcionam como parte de potentes pedagogias culturais (Louro, 1997; Seffner, 2013) que regulam corpos e comportamentos, visando ridicularizar, rebaixar e excluir aqueles que desafiam a norma heterossexual.

A relevância deste estudo reside na articulação entre os dados empíricos de uma iniciativa fundamental de monitoramento social e um referencial teórico crítico, permitindo uma compreensão mais profunda das raízes socioculturais da LGBTfobia no futebol. Ao adotar as lentes da performatividade e das pedagogias de gênero, foi possível desnaturalizar essas práticas violentas, evidenciando seu papel na manutenção de hierarquias e na produção de desigualdades. A pesquisa contribui, assim, para o debate acadêmico sobre esporte, gênero e sexualidade no Brasil, destacando a importância de análises que considerem as complexas interconexões entre discurso,

poder e identidade.

As implicações práticas e políticas dos achados são significativas. A persistência da LGBTfobia e a incipiência das punições, mesmo diante de avanços legais, apontam para a necessidade urgente de ir além de medidas paliativas ou meramente discursivas.

É

fundamental a implementação de políticas públicas eficazes e contínuas, campanhas educativas que promovam a desconstrução de estereótipos e preconceitos, e, sobretudo, mudanças estruturais nos clubes, federações e na cultura do futebol como um todo. O combate à LGBTfobia exige um compromisso genuíno com a transformação das normas e práticas que a sustentam. A continuidade do monitoramento e da análise crítica é essencial para que o futebol brasileiro possa, de fato, tornar-se um espaço mais inclusivo, seguro e acolhedor para todas as pessoas.

## Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 44, p. 342-356, maio/ago. 2010.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/sGpjrnPjMRTqBnT4NjVJtdF/?lang=pt&format=pdf>.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Uma História do Torcer no Presente: Elitização, Racismo e Heterossexismo no Currículo de Masculinidade dos Torcedores de Futebol*. Editora Appris, 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*.

Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANARINHOS LGBTQ+. *1º Anuário do Observatório de LGBTfobia no Futebol Brasileiro do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+*. 2021.

CANARINHOS LGBTQ+. *Anuário do Observatório da LGBTfobia no futebol do coletivo de torcidas Canarinhos LGBTQ+*. 2023.

CANARINHOS LGBTQ+. *Anuário do Observatório da LGBTfobia no Futebol com dados de 2023*. 2024. DAMATTA, Roberto *et al.* *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. *Revista de investigaciones UNAD*, v. 14, n. 1, p. 55-73, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Edição. Autêntica. Belo Horizonte, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SEFFNER, Fernando; BANDEIRA, Gustavo Andrada. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, ano XIV, n. 29, p. 246-270, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4459/445944242012.pdf>.